

# AUTOTRADUÇÃO OU LITERATURA VERNÁCULA? UM ESTUDO COMPARATIVO DA OBRA DE YONE NOGUCHI, AKIRA MIZUBAYASHI E YOKO TAWADA\*

Philippe HUMBLÉ\*\*  
Arvi SEPP\*\*\*

■ **RESUMO:** A literatura escrita por migrantes pertence a uma classe particular, porque a língua materna desses autores é sempre outra que a língua na qual eles escrevem. Daí, surge a pergunta: trata-se de uma tradução feita pelo próprio autor, ou é simplesmente um texto escrito em língua estrangeira por um estrangeiro? Neste estudo, pesquisam-se as obras de três autores japoneses que publicaram livros, cada um em uma língua diferente. Essas obras são analisadas com o intuito de avaliar em que medida esses autores mantêm rastros da língua materna a ponto de criar uma língua “mista”, “creolizada” que reflita uma nova identidade. Em outras palavras, trata-se de responder à pergunta se eles mesmos se traduziram, ou se escreveram simplesmente em outra língua, o que significaria que eles mantiveram sua identidade de japoneses. Chega-se à conclusão de que as atitudes dos autores são diferentes ao enfrentarem a cultura estrangeira e sua língua, embora a temática e a adaptação à cultura estrangeira sejam muito parecidas. Conclui-se que a maneira de se autotraduzir e a maneira de lidar com a língua do “outro” dependem, claro, da personalidade do autor, mas também do tipo de sociedade receptora e do momento histórico.

■ **PALAVRAS-CHAVE:** Tradução literária. Autotradução, Literatura nikkei.

A intenção deste artigo foi de pesquisar em que medida autores migrantes, nesse caso todos de origem japonesa, mantêm rasgos de sua cultura e língua original e em que medida, e como, eles se deixam absorver pela cultura de chegada. Para pesquisar esse dado, analisamos e comparamos três obras de três autores japoneses sob o ângulo da autotradução.

---

\* Os autores desejam agradecer as sugestões de mudança do revisor anônimo que contribuíram substancialmente para melhorar este artigo.

\*\* VUB – Vrije Universiteit Brussel. Departamento de Linguística Aplicada. 1050 Bruxelas – Bélgica. philippe.humble@vub.ac.be

\*\*\* VUB – Vrije Universiteit Brussel. Departamento de Linguística Aplicada. 1050 Bruxelas. Universiteit Antwerpen. Antuérpia – Bélgica. arvi.sepp@vub.ac.be

A autotradução é um tipo de tradução bastante particular no sentido em que ela não envolve nenhum tradutor. Em geral trata-se de autores literários que escolhem dar à sua literatura uma maior difusão, ou uma difusão que não seja meramente nacional. Atualmente o fenômeno está crescendo em importância, especialmente na Europa, e isso por uma razão evidente e simples: a crescente imigração. Com efeito, é um fato que uma porcentagem cada vez maior da população europeia consiste em pessoas cujas raízes não se encontram no velho continente. Cada vez mais a literatura dos países europeus é feita também por autores que escrevem numa língua que não é sua língua materna e que eles aprenderam numa idade às vezes já bastante avançada em termos de aprendizagem de uma língua. É o caso dos três autores japoneses que desejamos apresentar aqui: Yone Noguchi, Yoko Tawada e Akira Mizubayashi.

Num artigo muito interessante, Gjurčinova (2013) cita Damrosch (2003), que situa a autotradução no contexto da antiga *Weltliteratur* de Goethe. No entanto, hoje em dia essa literatura se caracteriza como uma literatura especificamente de tradução:

*David Damrosch argued for world literature conceived less as a vast canon of works and more as a matter of circulation and reception suggesting that texts which function as world literature are those which work well in and even gain in various ways from translation (GJURČINOVA, 2013, p. 3).*

Como consequência dessa mobilidade crescente de autores, esses encontram-se fora das literaturas nacionais, tais como as conhecemos tradicionalmente. Os autores imigrantes se situam dessa forma “fora da história”. No seu artigo, Gjurčinova (2013, p. 5) cita igualmente Milan Kundera, que, por sua vez, cita uma escritora checa:

*And according to Milan Kundera in his 2010 Encounter, Vera Linhartova, a Paris-based Czech writer, once said that “So, I chose the place where I wanted to live, but I have also chosen the language I wanted to speak [...] People will protest [...] sure, a writer is a free person, but is he not the custodian of his language? Isn't that the very meaning of a writer's mission? [...] It is often asserted that a writer has less freedom of movement than anyone else, for he remains bound to his language by an indissoluble tie. I believe this is another of those myths that serve as an excuse for timid folks.”*

É precisamente o caso dos três autores japoneses que analisamos neste estudo. Como lembra Santoyo (2005, p. 859), a autotradução é quase tão velha quanto a própria tradução.

*[...] la figura del autor traductor de su propia obra ha estado presente en la historia de este arte y oficio al menos desde los tiempos del historiador judío*

*Flavius Josephus, que escribió en su lengua materna, arameo, los siete libros de su primera obra La guerra de los judíos y años después, en torno al 75 de nuestra era, él mismo la revisó y tradujo al griego [...].*

Historicamente, a definição da autotradução não suscita problemas, pois refere-se a um autor que resolve traduzir a própria obra. Geralmente esse autor teve uma educação bilíngue ou se tornou subsequentemente fluente na língua estrangeira, pela convivência. Os exemplos mais conhecidos são Beckett, Julien Green, Joyce, e há outros grandes nomes da literatura universal. Nesses casos todos houve, logicamente, um texto original, escrito numa determinada língua para um determinado público leitor. Por razões de maior divulgação de sua obra, um autor resolve se autotraduzir. Há, portanto, uma obra que poder-se-ia chamar de “original”, e uma tradução, mesmo se partes de uma obra se escrevem primeiro numa língua e outras partes em outra. Foi o caso de Elsa Triolet, por exemplo, que escreveu parte de uma mesma obra em russo e outra parte em francês, para depois traduzir as duas (SANTOYO, 2005, p. 866).<sup>1</sup>

Depois de ter sido negligenciado pelos estudiosos como um fenômeno marginal, pesquisadores como Santoyo (2005, p. 866) mostraram que a autotradução é um fenômeno muito mais difundido do que se pensava.

*No estamos ante raras excepciones, sino ante un corpus inmenso, cada vez mayor, de textos traducidos por sus propios creadores. Lejos de ser un “caso marginal” [border case, borderline case, vide Kálmán 1993], como también se la ha denominado, la traducción de autor cuenta con una larga historia y es hoy en día uno de los fenómenos culturales, lingüísticos y literarios más frecuentes e importantes en nuestra aldea global, y desde luego merecedora de mucha más atención de la que hasta ahora se le ha prestado.*

À primeira vista, a literatura produzida por emigrantes, ou viajantes, não parece ter nada a ver com o fenômeno da autotradução. Olhando mais de perto, no entanto, ambos os tipos de escrita revelam ter semelhanças. Como a língua na qual os migrantes escrevem não é sua língua materna, isso dá origem a um tipo de escrita particular, que se situa entre uma obra original e uma tradução. Só que, nesse caso, trata-se de uma tradução sem texto original. Quando a tradução de um texto é instantânea, será que essa tradução mantém características do “original inexistente”, ou o texto nasce imediatamente como um texto original numa segunda língua? Não se trata aqui, portanto, de casos de autotradução em que um autor traduz uma obra sua para que as duas sejam entregues em igualdade de condições ao público. Trata-se de obras em que a condição de nacionalidade ou de procedência

---

<sup>1</sup> O fenômeno teve depois um tratamento histórico exaustivo no estudo de Jan Walsh Hokenson e Marcella Munson (2007) *The bilingual text: history and theory of literary self-translation*.

do autor faz pressupor a existência de um original, real ou existindo somente na mente do autor, e isso na língua materna.

Pesquisamos neste artigo três autores: Yone Noguchi (1875-1947), Akira Mizubayashi (1952) e Yoko Tawada (1960). Yone Noguchi escreveu em inglês no começo do século XX. Mizubayashi escreve em francês e Tawada, em alemão. Concentramo-nos em três textos:

- Yone Noguchi (2007): *The American diary of a Japanese girl* (1902);
- Akira Mizubayashi (2011): *Une langue venue d'ailleurs* (2011);
- Yoko Tawada (2002): *Überseetzungen* (2002).

Nesses três textos pesquisamos, por um lado, o conteúdo, a estrutura e a mensagem do relato, e, por outro, o registro linguístico usado para veicular esse conteúdo. Ficamos particularmente atentos às influências que a língua de origem, o japonês, pudesse ter na estrutura da língua usada na obra. Os resultados foram surpreendentes por sua diversidade. A primeira constatação foi que o fato de ter emigrado, o fato de ser estrangeiro, constitui o assunto principal da literatura pesquisada. Quando a literatura de não imigrantes trata de amor, de morte, ou de um dos sete pecados capitais, os livros dos autores japoneses tratam do tema da integração numa outra cultura, da adaptação a modos estranhos de vida e do relacionamento de japoneses com pessoas de uma outra cultura.<sup>2</sup>

O que pesquisamos nesses três autores foi de que maneira autores japoneses lidam, no âmbito da língua, com o problema de viver duas culturas diferentes. Eles traduziram o texto ou ele foi escrito, sem mediação, na língua de adoção? Secundariamente, queremos saber se isso nos ensina algo sobre a integração cultural e se podemos tirar lições desse uso da língua quanto ao processo de aculturação. O nosso ponto de vista é, portanto, tradutológico, mas também sociológico, de identidade.

Uma primeira constatação, ao comparar esses três autores, é que suas produções em língua estrangeira são muito diferentes. Os três escrevem obras “literárias”, mas repletas de considerações de tipo “ensaio”, com elementos autobiográficos. No caso de Mizubayashi, trata-se quase de uma pura autobiografia. Os textos de Noguchi e de Tawada parecem, por vezes, traduções, enquanto no caso de Mizubayashi, não está claro se o texto foi escrito diretamente em francês ou não. Apesar de se tratar de autores de procedência idêntica, colocados em situações parecidas e preocupados

---

<sup>2</sup> Uma confirmação mais recente disso é a obra de Oscar Nakasato (2011) *Nihonjin*. Por outra parte, uma exceção a essa regra é a obra de alguém como Kazuo Ishiguro, que escreve em inglês sobre temas majoritariamente ingleses.

com os mesmos problemas, as escritas são diferentes. Aparentemente entram em jogo três variáveis:

- A primeira é a **personalidade** do indivíduo. É o parâmetro mais opaco e menos fácil de ser pesquisado objetivamente;
- A segunda é a natureza da sociedade de onde vem o indivíduo, a sociedade “**emissora**”, nesse caso, o Japão;
- A terceira é a natureza da sociedade que recebe o indivíduo, a sociedade “**receptora**”;
- Por último, temos o momento histórico no qual o indivíduo se desenvolve como autor.

### **Yone Noguchi**

O menos conhecido dos três autores aqui pesquisados é, provavelmente, Yone Noguchi. Nos Estados Unidos, no entanto, o seu livro mais famoso mereceu uma reedição anotada, em 2007. Vale a pena estender-se mais detalhadamente sobre esse autor, principalmente para ilustrar o parâmetro “momento histórico”.

Yone Noguchi nasceu em 1875 perto de Nagoya. Em 1893, depois da primeira guerra nipo-chinesa, mas antes da guerra com a Rússia, ele decide emigrar para os Estados Unidos, chegando a San Francisco em dezembro daquele ano. Noguchi trabalha para alguns jornais de língua japonesa e depois como empregado doméstico. Em 1895, ele vai morar na casa de um poeta americano menor, Joaquin Miller, como ajudante, mas sem salário. Ele ficará com Miller quatro anos. A influência do poeta americano sobre Noguchi será de grande importância. Significativamente ele conta que Miller sempre o tratava de “Mr. Noguchi” e não de Charley ou Joe, como os americanos costumavam chamar, com desprezo, os emigrantes japoneses. Em 1900, Noguchi viaja para a Costa Leste e mora de 1900 a 1904 em Nova York. Com a ajuda de Léonie Gilmour, sua assistente literária, ele completa o romance *The American diary of a Japanese girl*, que nos interessa neste estudo. Noguchi viaja igualmente para a Inglaterra, onde conhece pessoalmente alguns dos grandes nomes da literatura inglesa daquela época: Yeats e Hardy, entre outros. Depois ele volta para os Estados Unidos e, ao começar a guerra russo-japonesa de 1904, Noguchi se torna de repente uma fonte de informações interessante para a imprensa americana. Ele é solicitado para escrever artigos sobre particularidades culturais japonesas, uma sociedade que era, na época, pouco conhecida.

Não só intelectual, mas também emocionalmente, Noguchi teve uma vida bastante agitada. Ele casara secretamente com Léonie Gilmour, mas tinha desfeito esse casamento ao decidir voltar para o Japão. Aparentemente Léonie ainda não

tinha sido colocada a par de que o seu casamento fora desfeito quando soube que Noguchi tencionava se casar com outra intelectual feminista americana, a jornalista Ethel Armes. Esse casamento nunca se realizaria. Léonie já estava grávida de Noguchi e, quando ele decide voltar para o Japão, convida Léonie a se juntar a ele, junto com Isamu, o filho recém-nascido. No entanto, quando eles chegam em 1907 a Tóquio, constatam que Noguchi já tem outra mulher japonesa. Mesmo assim, Léonie e Isamu continuariam morando no Japão.

Noguchi continua escrevendo muito em inglês, mesmo estando no Japão. A partir dos anos 1930, fica muito difícil para ele publicar nos Estados Unidos, porém continua publicando em inglês no Japão. Curiosamente, as preferências políticas de Noguchi se revelariam bastante voláteis. No momento em que a esquerda é a força política predominante, ele se mostra simpatizante da esquerda. Quando o imperialismo de direita toma conta do país, ele se torna um defensor convencido dessa política e advoga uma guerra sem quartel contra seus antigos amigos ocidentais. Noguchi morre em 1947, depois de ter se reconciliado com o filho Isamu, que se tornaria um arquiteto e escultor famoso nos Estados Unidos. Noguchi escreveu mais de cem livros, dos quais uns trinta em inglês. Como já ficou assinalado, *The American diary of a Japanese girl*, de 1902, foi reeditado em 2007 pela Temple University com uma introdução de Laura E. Franey e notas de Edward Marx.

### **Akira Mizubayashi**

O segundo autor desta pesquisa é Akira Mizubayashi, que começou a aprender francês em 1969, com a idade de dezenove anos. Ele fez isso com o incentivo do pai que, tal qual o filho depois, parecia ter problemas com a idiossincrasia de seu país. Por quatro anos, Mizubayashi estudará francês mais do que nada, por conta própria, até conseguir uma bolsa que o leva por dois anos para Montpellier, na França. Depois desses dois primeiros anos, Mizubayashi retorna ao Japão para ensinar o francês, voltando depois para Paris para fazer um doutorado sobre Rousseau. Mizubayashi casa com uma francesa e tem com ela uma filha, a quem ele dá uma educação bilíngue. Em 1983, Mizubayashi volta para Tóquio para ensinar literatura francesa na Universidade Sophia, cargo que ele ocupa atualmente.

Em 2010, Mizubayashi publicou o livro *Une langue venue d'ailleurs* [Uma língua vinda de outro lugar] em que ele conta a maneira como aprendeu francês, por que foi morar na França, e quais foram suas impressões ao morar no meio dos franceses. O livro foi muito elogiado, ganhou uma edição em livro de bolso, e Mizubayashi ganhou o Prix du Rayonnement de la Langue Française, que homenageia pessoas que contribuíram especialmente para a propagação da língua francesa.

Se Noguchi viajou para os Estados Unidos com o fim de conhecer o mundo ocidental, as motivações de Mizubayashi seriam bem diferentes. Nos anos 1970 o Japão se encontrava numa situação totalmente diferente daquela que acompanhava Noguchi no começo do século XX. Enquanto Mizubayashi quis conscientemente mudar, rejeitando seu país de origem, Noguchi queria enaltecer a cultura japonesa, outrora considerada inferior.

Segundo Mizubayashi, a razão principal pela qual ele quis mudar de país foi que ele não se identificava com os seus colegas de faculdade nos anos 1960. Ele detestava mais do que nada o jargão político que eles usavam. Seu pai, que parecia ter oferecido algum tipo de resistência aos militares durante a Guerra do Pacífico, também desempenhou um papel importante na rejeição do autor à sua nacionalidade. Mizubayashi simplesmente não queria ser japonês. Isso transparece também em seus gostos literários e musicais. Ele nos fala de sua preferência por Mozart, intimamente relacionada com o seu amor por todas as coisas francesas.

### **Yoko Tawada**

Yoko Tawada é a mais nova dos escritores aqui discutidos. Ela nasceu em 1960 em Tóquio, onde estudou literatura russa. Apesar desses estudos, ela embarca para a Alemanha e acaba ficando em Hamburgo, onde faz um doutorado sobre literatura alemã. Yoko Tawada escreveu livros tanto de literatura quanto de ensaios. Ela é uma autora de sucesso na Alemanha, e foi também traduzida para várias outras línguas (inglês, francês, e outras). Além disso, ela ganhou uma série impressionante de prêmios literários. Ela escreve prosa, teatro, poesia, ensaios, tanto em japonês quanto em alemão. Como para Mizubayashi, a tradução é para Tawada um dado fundamental. Seus livros abundam em comparações entre o alemão e o japonês, tantas que formam muitas vezes o argumento central das suas narrações. Analisaremos agora a obra de cada um desses escritores.

### **Yone Noguchi: *The American diary of a Japanese girl***

A obra de Yone Noguchi, *The American diary of a Japanese girl*, é sem dúvida a obra mais intrigante de todas as estudadas aqui. É importante, portanto, situar o livro dentro do seu contexto. Quando o *Diary* é publicado em 1904, fazia menos de quarenta anos que o Japão tinha aberto suas fronteiras para o Ocidente. No entanto, já tinha vencido uma guerra contra a China e estava para ganhar outra contra a Rússia. A imigração de japoneses para os Estados Unidos era um dos grandes assuntos do dia.

O *Diary* de Noguchi é o primeiro romance escrito em inglês por um cidadão japonês. É a história da senhorita Asagao (Morning Glory) que conta, na forma de um

diário, suas observações durante uma viagem pelos Estados Unidos na companhia de seu tio, um industrial da área da mineração. Um momento importante é quando Asagao se torna amiga da mulher americana do cônsul japonês em San Francisco. Ao contrário dos seus conterrâneos, e do próprio autor da história, Asagao frequenta os círculos da alta sociedade americana. Isso não a impede de ser bastante crítica com relação à sociedade americana e de não se sentir inferior de maneira alguma. Em mais de uma ocasião ela menciona a maneira humilhante que os americanos tratam os japoneses, porém não se deixa impressionar. Asagao permanece, em tudo o que faz, uma “princesa japonesa”.

Depois de San Francisco, Asagao viaja para Chicago e Nova York, onde o romance termina com a promessa de novas revelações sobre a sociedade americana. Asagao, com efeito, quer se tornar nada menos do que uma “doméstica” numa casa americana, emprego que exercia boa parte dos seus conterrâneos emigrados para os Estados Unidos. A sequência da história seria efetivamente escrita, mas o editor americano se negou a aceitá-la alegando as vendas fracas da primeira parte. O livro será finalmente publicado no Japão no ano seguinte como *The American letters of a Japanese parlor maid* (1905), quando o autor lá se encontrará.<sup>3</sup>

No que se refere ao conteúdo do livro, o argumento do *Diary* não é muito consistente, pelo menos no sentido “ocidental” da palavra. Não há uma trama definida e o formato do diário parece uma maneira de juntar observações diversas sobre os Estados Unidos e os ocidentais. Muitas vezes o romance lembra o *Makura no Sōshi*, o *Pillow Book*, de Sei Shonagon. Essa é uma característica que, diga-se de passagem, encontraremos igualmente na obra de Yoko Tawada.

No que diz respeito à qualidade do inglês de Noguchi, a pesquisadora Laura E. Franey (NOGUCHI, 2007, p. x) menciona o seguinte a respeito da primeira versão do livro, que não foi a que finalmente foi publicada:

*Worried that his knowledge of English was insufficient for the task he had set himself, Noguchi gave the entries to Partington for editing as he finished them. Yet Partington's influence extended well beyond changes to Noguchi's spelling and idiom. By mid-July 1899, Noguchi was complaining vehemently in his letters that she was introducing too much romance and too much novelistic plotting into his work.*<sup>4</sup>

---

<sup>3</sup> Informações extensas encontram-se no site da Wikipedia (2014).

<sup>4</sup> “Preocupado que seu conhecimento de inglês seria insuficiente para a tarefa que se tinha proposto, Noguchi deu as provas para Partington para serem editadas na medida em que as ia acabando. No entanto, a influência de Partington estendeu-se além das mudanças de ortografia e a língua de Noguchi. Em meados de julho de 1899, Noguchi estava reclamando com veemência em suas cartas que ela estava introduzindo elementos românticos demais e demais argumento romanesco em seu trabalho” [tradução nossa].



Noguchi queimou essa primeira versão e começou tudo de novo. Dessa vez ele escolheu Léonie Gilmour para corrigir as provas, pedindo para “[...] *to excise unnecessary words, shorten his ‘horribly long paragraphs’, and maintain the flavor of his ‘broken English’ while ensuring that the Diary would still appear ‘good and artistic’*”<sup>5</sup>(NOGUCHI, 2007, p. x).

Tudo isso resultou na presença de um certo número de erros em inglês. Vanhoorenbeeck (2012) fez um trabalho de análise desses erros e chegou a uma classificação em três tipos: erros gramaticais, lexicais e de estilo. De todos esses tipos há um número considerável no *Diary*, mesmo se esses erros não atrapalham, nem mesmo dificultam, a compreensão da trama ou da mensagem. Além disso, constatou-se que um grande número de palavras japonesas simplesmente não foram traduzidas e que o texto abundava em onomatopeias, bem características da língua japonesa. Há expressões como “chui, chui, chui” para imitar o barulho de pássaros, ou “kotsu, kotsu, kotsu” para imitar o barulho de alguém que bate na porta. Finalmente, vale ressaltar a abundância de frases mais sutilmente “não inglesas” como “*Lovely girl has no longing to sail over the ocean*” (NOGUCHI, 2007, p. 77), que dão ao relato um sabor marcadamente “estrangeirizante”.

A conclusão à que chegamos é que o *Diary* é um romance escrito em inglês, mas que faz tudo para parecer um texto traduzido, e mal traduzido. A tradução opera aqui como um agente participante da própria narração, é um procedimento estilístico que demarca o autor do seu leitor, o distancia conscientemente. Para quem estiver aberto a esse tipo de linguagem, o inglês de Noguchi aparece como algo estranhamente refrescante, chega a ser um valor a mais e não há dúvida de que o autor quis que fosse assim. Não temos notícia de uma versão original em japonês do texto, mas podemos supor que ela existiu.

### **Akira Mizubayashi: *Une langue venue d’ailleurs***

O caso de Akira Mizubayashi é inteiramente diferente do de Noguchi. Mizubayashi viaja não só pra conhecer a França, mas também para fugir do Japão, e se podemos supor que existiu algum tipo de borrão do seu livro e que houve algum tipo de tradução, o autor provavelmente preferiria que este não chegasse à tona.

O livro conta a trajetória de um japonês que quis de todas as formas aprender o francês como os franceses, para se tornar um deles. Mizubayashi conta as peripécias, às vezes cômicas, de alguém que aprende uma língua estrangeira e que mostra verdadeira adoração por ela. Temos as observações do estudante, do leitor,

---

<sup>5</sup> “[...] eliminar palavras desnecessárias, encurtar seus ‘parágrafos terrivelmente longos’, mas manter o sabor de seu ‘inglês truncado’, fazendo ao mesmo tempo que o diário parecesse ainda ‘bom e artístico’” [tradução nossa].

do marido, do pai, do dono de um cachorro venerado. Há também considerações sobre Rousseau, Mozart e sobre como a cultura europeia é diferente, e melhor do que a cultura japonesa.

Em nível de língua, a maneira como o autor se expressa em francês chega a ser “mais francesa” do que os franceses. Analisemos brevemente essa “linguagem” de Mizubayashi, explicitamente – a maneira como ele fala sobre a língua –, e implicitamente – a maneira como ele usa essa língua. Assim, as metáforas que o autor usa para se referir à língua francesa chamam a atenção pelo teor existencial que elas pressupõem: *nascimento* (dezesseis vezes), **renascer**, **segunda vida**, **respirar a língua**, **viver a língua**, **morar na linguagem**, **viver na língua**, **casar-se com a língua**. No caso do idioma japonês, ao contrário, ele evita usar o termo “língua materna” e prefere o termo “língua de origem”. O autor quer se distanciar de suas origens e isso se expressa também na maneira altamente idiomática como ele se expressa em francês. Ao analisarmos as colocações num trecho aleatório por meio de uma pesquisa em Google, chegamos a resultados que mostram uma maneira de expressar que se aproxima de um nativo. Veja o seguinte trecho:

*Mori nous met en garde contre une confusion majeure selon laquelle nous prendrions sa conception de l'expérience pour une simple accumulation de faits vécus et d'actes accomplis. Il se positionne à mille lieues d'une telle accumulation subjective dont on fait un éloge facile et complaisant. À la lecture des lignes que je viens de citer, l'expérience telle que Mori essaie de la définir, l'expérience fondatrice de la parole authentique, m'est apparue d'emblée, au contraire, comme présupposant une dimension sacrificielle exigeant un effort ascétique, sans concession. Et c'est précisément cela qui a provoqué un bouleversement, un séisme intérieur d'une force inégalée chez le jeune homme de dix-huit ans que j'étais à ce moment-là, en automne 1969 (MIZUBAYASHI, 2011, p. 28).*

Se inserirmos as colocações presentes neste parágrafo na ferramenta de busca Google, as frequências são altíssimas, como fica claro no Quadro 1:

**Quadro 1** – Ocorrências de colocações em *Une langue venue d'ailleurs*

<i>(mettre) en garde contre une confusion</i>	(15.900)
<i>une confusion majeure</i>	(37.700)
<i>une simple accumulation de faits</i>	(13.200)
<i>faits vécus</i>	(79.600)
<i>actes accomplis</i>	(199.000)
<i>conception de l'expérience</i>	(4.870.000)

<i>simple accumulation</i>	(35.100)
<i>à mille lieues</i>	(1.790.000)
<i>facile et complaisant</i>	(6900)
<i>à la lecture des lignes</i>	(252.000)
<i>expérience fondatrice</i>	(15.700)
<i>apparu(e) d'emblée</i>	(76.200 + 56.400)
<i>un effort ascétique</i>	(3.880)
<i>une dimension sacrificielle</i>	(27.200)
<i>un séisme intérieur</i>	(36.800)
<i>une force inégalée</i>	(154.000)

Mizubayashi domina, portanto, o francês a ponto de escrever nessa língua de uma maneira que o torna indistinguível de um francês nativo. A identificação total concretiza um desejo de identificação total com a cultura receptora. Mizubayashi é suficientemente lúcido para se dar conta de que a identificação total será sempre ilusória, mas é significativo que o desejo esteja presente e que se expresse de maneira quase perfeita no único meio, talvez, em que isso seja possível, a palavra escrita. A língua, no entanto, é só uma porta de entrada para uma cultura, e não coincide com ela. Uma pessoa que nasce dentro de uma cultura específica não entra nessa cultura pelos portões da linguagem unicamente. Entra também pelas formas de atuar, pelas normas de comportamento, que não somente a linguagem ensina.

### **Yoko Tawada: *Überseetzungen***

No caso de Yoko Tawada, o problema da língua torna-se uma preocupação central. A palavra *Überseetzungen*, inventada pela autora, é composta de *Übersee*, do outro lado do mar, e *Zungen*, línguas, compondo uma palavra que não existe, mas que remete à palavra *Übersetzungen* (traduções). Ao mesmo tempo se refere à dificuldade que os japoneses têm em alemão de distinguir entre um *e* aberto e fechado. A autora faz, portanto, um trocadilho. É difícil resumir o livro de Yoko Tawada, que às vezes parece um livro de ensaios burlescos sobre a língua, sobre ser japonês e ser alemão. Assim, ela fala da dificuldade de escrever em japonês no computador, ou das confusões que se dão quando uma japonesa pronuncia o alemão erradamente. Nisso tudo a língua e a identidade formam o tema central. Em *Überseetzungen* ela escreve:

*In Deutschland wurde ich immer als eine Fremde betrachtet, die die Sprache der Einheimischen von außen antastet. Amerikanische Studenten dagegen zweifelten nie daran, dass Deutsch eine meiner Sprachen war, so wie Englisch ihre Sprache war. Unabhängig davon, woher und wann sie nach Amerika eingewandert waren, war Englisch für sie die eigene Sprache. Sie setzten die Sprache und die Kulturen nicht in ein Verhältnis von eins zu eins. Zumindest ging man davon aus, dass Englisch für alle Kulturformen einen Raum bieten könnte<sup>6</sup> (TAWADA, 2002, p. 109).*

O importante dessa colocação é que Yoko Tawada não pretende em nenhum momento ser considerada alemã, e nem os alemães pretendem que ela o seja. Ela cita com aprovação “os americanos” e não parte do princípio que uma língua se identifica com uma cultura. A atitude de Tawada se opõe à de Mizubayashi que, num certo sentido, quer trocar de corpo ao trocar de pele. Ao mesmo tempo, Yoko Tawada chama a atenção para o fato de que o tipo de sociedade na qual os autores emigrantes se inserem também joga um papel fundamental.

Yoko Tawada reflete sobre o que ela pode contribuir à sociedade alemã a partir do ponto de vista japonês, sem, no entanto, se propor uma missão civilizadora. Seus ensaios são histórias de maravilhamento, de espanto ante as diferenças que pode haver entre duas culturas e de que maneira isso se expressa por meio da língua. Como os tradutores do Renascimento, que consciente e ativamente pegavam emprestadas palavras do latim e de outras línguas para enriquecer o vocabulário da língua materna, Yoko Tawada enriquece o alemão por meio do japonês. Ela não traduz sistematicamente as obras que escreve, mas sempre existe esse vaivém. Numa entrevista, ela diz o seguinte: “*Ich habe in meinem neuen Buch Das nackte Auge auf Japanisch geschrieben und es dann ins Deutsche übersetzt, dann auf Deutsch weiter geschrieben, das wieder ins Japanische übersetzt und so weiter – ich bin immer hin und her gesprungen*”<sup>7</sup> (TAWADA, 2014). Significativamente, não há quase colocações (*collocations*) em *Überseetzungen*. Cada palavra foi escolhida individualmente e não em “pedaços” (*chunks*), como o fariam falantes nativos e que é o que precisamente os caracteriza.

---

<sup>6</sup> “Na Alemanha, eu sempre fui considerada uma estrangeira que perturba o idioma local a partir do exterior. Estudantes americanos, no entanto, nunca duvidaram de que o alemão era um dos meus idiomas, como o inglês era a língua deles. Independentemente de onde e de quando eles emigraram para a América, o inglês era sua própria língua. Eles não definem a língua e as culturas numa relação de um a um. Pelo menos parte-se do princípio de que o inglês pode providenciar um espaço para cada cultura” [tradução nossa].

<sup>7</sup> “Eu escrevi o meu novo livro *O olho nu* em japonês e depois o traduzi para o alemão, em seguida, continuei em alemão, que por sua vez traduzi ao japonês e assim por diante – eu pulei para trás e para frente” [tradução nossa]

## Conclusão

Com esses três autores japoneses escrevendo em três línguas diferentes e em três países diferentes, não pretendemos ter dado um panorama exaustivo da questão da literatura japonesa de emigrantes e seu relacionamento com a tradução. Os três autores não foram educados num ambiente bilíngue, e podemos assumir que seu relacionamento com a língua materna continuou sendo direto e que suas obras podem ser consideradas de alguma forma uma tradução. Como sempre, no caso de autotraduções, não podemos nos apoiar numa análise totalmente científica e os dados não são totalmente verificáveis.

O que podemos concluir quando comparamos esses autores? Primeiro, que para eles o confronto com outra cultura é o assunto principal. A convivência com a sociedade receptora nunca é evidente. É um problema que domina outros assuntos mais tradicionalmente literários: morte, amor, poder etc. O confronto entre duas culturas, a adaptação a outra cultura é o principal motor de sua escrita.

Segundo, a maneira como essa problemática se expressa na língua é diferente. Temos três soluções diferentes. Temos a subordinação, no caso de Mizubayashi, a rebeldia no caso de Noguchi, o “isolamento solidário” no caso da Tawada. Pelo uso que esses escritores fazem da língua do outro, eles expressam a sua atitude perante essa cultura do outro. Numa tradução a atitude do tradutor perante a cultura do texto de partida se reflete na tradução. Quando o tradutor é o próprio autor, essa atitude transparece mais ainda.

Terceiro, assim como se trata de três personalidades bem distintas e que reagiram à situação de acordo com sua individualidade, também reagiram de acordo com o momento histórico. A atitude de Noguchi só é compreensível quando se leva em conta que o Japão era ainda considerado um país atrasado e que os imigrantes japoneses eram desprezados pelos americanos. Também transparece nessa atitude a “*inside information*” da qual Noguchi dispunha, sabendo que também militarmente o Japão já era um país com o qual se teria que contar.

Finalmente, é preciso analisar também o problema desde o outro lado, a sociedade receptora. Todos três autores escreveram de acordo com o tipo de sociedade na qual se integraram. Os alemães não esperam de um estrangeiro que ele se torne alemão. Se um autor escrever um alemão esquisito, eles acham mais interessante.<sup>8</sup> A Alemanha não tem a tradição de integrar estrangeiros como a França, os Estados Unidos ou o Brasil. Não quer dizer que a Alemanha não queira receber imigrantes. Só significa que ela não espera que esses se tornem alemães.

No caso de Noguchi e dos Estados Unidos, a situação é diferente ainda, embora parecida com o caso do Brasil. A editora de Noguchi quis “normalizar” o seu inglês, mas quando ele resistiu, publicaram do jeito que ele queria. Propuseram

<sup>8</sup> Veja também a recepção dos autores turcos na Alemanha: Emine Sevgi Özdamar e outros.

que ele se tornasse americano, mas como ele não quis, permitiram que ficasse com uma identidade diferente. Os americanos acabaram aceitando e absorvendo.

Os franceses, por sua vez, dificilmente toleram que a língua francesa seja usada de maneira diferente. A França tem uma longa tradição de assimilar imigrantes com um certo *pedigree* intelectual. Basta pensar em Rousseau, Cioran, Kundera, Picasso, e muitos outros. No entanto, o francês usado tem que ser o francês como se usa em Paris. Mizubayashi entendeu que essa era uma condição *sine qua non*, e agiu de acordo.

Por fim, não há nada que possa ser generalizado na análise da autotradução desses três autores. Isso pode significar duas coisas: primeiro, que não há nada em comum entre esses autores além de sua procedência étnica. Segundo, que o que eles têm em comum não se expressa por meio da literatura e da língua. A literatura dos emigrantes japoneses nos ensina tanto sobre a sociedade na qual sua literatura foi escrita quanto sobre o ser japonês. Isso não significa que não exista alguma coisa que caracterize esses emigrantes, que eles não tenham alguma coisa em comum que os distingue de todas as outras etnias do mundo, inclusive dos japoneses mesmos. Significa que se expressa de maneiras diferentes, de acordo com a sociedade receptora, o momento histórico e a personalidade. O que é significativo para entender a personalidade de cada um deles é o fato de eles terem escolhido ficar exatamente nessa sociedade, nessa nação, e não em outra.

HUMBLÉ, P.; SEPP, A. Self-translation or vernacular literature? A comparative study of the works of Yone Noguchi, Akira Mizubayashi and Yoko Tawada. *Itinerários*, Araraquara, n. 38, p. 73-88, jan./jun., 2014.

■ **ABSTRACT:** *The literature written by migrants belongs to a particular type, since the mother tongue of these authors is always different from the language in which they write. Is it a translation made by the author himself or herself, or is it simply a text written in a foreign language by a foreigner? In this piece of research the authors scrutinize the works of three Japanese authors who published each in a different language. These works are analyzed so as to assess the extent to which nikkei authors still show tracks of their mother tongue in their literary work. The question is to know if they have translated themselves, or if they are simply foreigners who have written in a foreign language. The results of this research seem to show that the ways in which Japanese authors confront a foreign culture and its language can vary, but the topics on which they write are, with very few exceptions, very similar and focus on their difficulties in adapting to a new culture. The way they translate themselves and the way they deal with the foreign language depend, on the one hand, on the personality of the author and, on the other, on the type of host society and on the historic moment.*

■ **KEYWORDS:** *Literary translation. Self-translation. Nikkei literature.*

## Referências

DAMROSCH, D. **What is world literature?** Princeton: Princeton UP, 2003.

GJURČINOVA, A. Translation and self-translation in today's (im)migration literature. **CLCWeb: Comparative Literature and Culture**, West Lafayette, v. 15, n. 7, p. 1-10, 2013. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.7771/1481-4374.2382>>. Acesso em: 2 fev. 2014.

HOKENSON, J. W.; MUNSON, M. **The bilingual text: history and theory of literary self-translation.** Manchester: S' Jerome Press, 2007.

MIZUBAYASHI, A. **Une langue venue d'ailleurs.** Paris: Gallimard, 2011.

NAKASATO, O. **Nihonjin.** São Paulo: Benvirá, 2011.

NOGUCHI, Y. **The American diary of a Japanese girl.** An annotated edition. Edited by Marx Edward and Laura E. Franey. Philadelphia: Temple University Press, 2007.

SANTOYO, J. C. Autotraducciones: una perspectiva histórica. **Meta**, v. 50, n. 3, p. 858-67, 2005. Disponível em: <<http://id.erudit.org/iderudit/011601ar>>. Acesso em: 2 fev. 2014.

TAWADA, Y. **Überseezungen: Literarische Essays.** Tübingen: Konkursbuchverlag, 2002

\_\_\_\_\_. **Interview Yoko Tawada.** Disponível em: <[http://www.foreigner.de/interviews/interview\\_yoko\\_tawada.html](http://www.foreigner.de/interviews/interview_yoko_tawada.html)>. Acesso em: 2 fev. 2014.

VANHOORENBEECK, W. **Yonejiro Noguchi, een zelfvertaler?** 2012. 154f. Dissertação (Mestrado em Tradução) – Erasmushogeschool. Bruxelas, 2012.

WIKIPEDIA. **The American diary of a Japanese girl.** Disponível em: <[http://en.wikipedia.org/wiki/The\\_American\\_Diary\\_of\\_a\\_Japanese\\_Girl](http://en.wikipedia.org/wiki/The_American_Diary_of_a_Japanese_Girl)>. Acesso em: 2 fev. 2014.

## Bibliografia consultada

LESSER, J. **Negotiating national identity: immigrants, minorities, and the struggle for ethnicity in Brazil.** Durham: Duke University Press, 1999.

\_\_\_\_\_. **Immigration, ethnicity, and national identity in Brazil: 1808 to the present.** Cambridge: Cambridge University Press, 2012.

OKAMOTO, S. M. **O discurso brasileiro sobre o Japão via França**: imigração, identidade e preconceito racial (1860-1945). 2010. 243f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos, Literários e Tradutológicos em Francês) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2010.

SANTOYO, J. C. Traducciones de autor (self-translations): materiales para una bibliografía básica. **Interculturalidad & Traducción: Revista Internacional**, Espanha, n. 2, p. 201-36, 2006.

SANTOYO, J. C.; GENTES, E. **Traducciones de autor (self-translations) materiales para una bibliografía básica**: Bibliography autotraduzione / autotraducción / self-translation. 14. ed. 1 jul. 2013. Disponível em: <<http://www.self-translation.blogspot.be/>>. Acesso em: 2 fev. 2014.

SHIBATA, H. **As escolas japonesas paulistas (1915-1945)**: a afirmação de uma identidade étnica. 1997. 177f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo. São Paulo, 1997.

\_\_\_\_\_. **Da casa de pau-a-pique aos filhos doutores**: trajetórias escolares de gerações de descendentes japoneses (dos anos 1950 aos anos 1990). 2009. 211f. Tese (Doutorado em História e Historiografia da Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2009.

Recebido em 30/10/2013

Aceito para publicação em 18/05/2014

